Anno II — 15 DE SETEMBRO DE 1906 — Num. 38

O CONGRESSO

ORGÃO DE PROPAGANDA DO CONGRESSO U. DOS OPERARIOS DAS PEDREIRAS

Redactor: MACELLINO RAMOS

Subscripção annual 3$000 — Residencia: RUA DA QUITANDA, 78 - 2.º andar

União e Resistencia — PUBLICAÇÃO QUINZENAL REDIGIDA POR OPERARIOS — Liberdade e Justiça

«O CONGRESSO»

Como promettemos em nosso ultimo numero o nosso jornal sae agora em maior formato e na altura das nossas forças vamos fazer o possivel para que elle preencha o fim a que é destinado que é propagar entre o operariado em geral, em particular entre os operarios das pedreiras a luta pela emancipação dos trabalhadores.

Procuraremos entre os melhores elementos doutrinarios do operariado do Brazil e de fóra do Brazil colloboração que instrua os nossos companheiros no verdadeiro caminho das reivindicações sociaes.

Assim ficam as nossas columnas francas a todas as idéas livres que queiram orientar os trabalhadores para as futuras lutas a que fatalmente somos obrigados a recorrer.

A REDACÇÃO.

—

AVISO

Prevenimos a todos os companheiros que não subscreveram a subscripção voluntaria do periodico *O Congresso* e o queiram ler ó podem adquirir nas officinas com os delegados ou na redacção.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

A EGUALDADE

Mais uma vez me vou occupar das columnas do nosso modesto jornal; d'esta vez porém baseio-me sobre o thema de A EGUALDADE.

A EGUALDADE, ê a palavra mais sublime que o ser humano póde desprender de seus labios. E' ella o iman mais attrahente, para ligar em um só todos os pensamentos dos homens de bem.

—Foi este thema aquelle em que se fundamentava o *Christo*, esse grande propagandista do socialismo, homem libertario e excepcional filosopho.

—Sempre aquelle homem dizia— *«amai-vos uns aos outros como irmãos»*.—E dizia-o, porque se nos amassemos todos como irmãos, é claro que nos considerava-mos todos eguaes. Não haviam auctoritarios, não haveriam senhores, não haveriam servos, todos trabalhariam conforme as suas necessidades, e acabaria por certo a horrenda ambição do capital, esse monstro que a todo o momento arrasta ao habysmo do egoismo, todo o homem que suppõe que a egualdade consiste em ser tão ricos uns como outros.

Diz o rifão:—*maito se engaua quem suppõe*:—E é certo. Os homens (em especial os egoistas) dizem que não se póde estabelecer a egualdade, visto que, se fôrmos todos ricos não poderiamos viver, porque ninguem queria trabalhar, e morreriamos todos de fome e frio.

—Como se engana quem assim pensa!!!

—Desde que se estabeleça a egualdade, o que só se conseguirá á custa de grande sacrificio da parte dos homens conscientes de ideal puro e são, todo o ser humano qne exista sobre a terra terá de trabalhar, porque pensará, que necessita de extrahir da terra o sustento necessario para si, e para trocar com os seus irmãos pelos productos que elle não possa ou não tenha intelligencia para fabricar.

O *dinheiro* deixará de existir, visto que, não é necessaria a sua existencia, e para por termo á vaidade, ao orgulho, á opoleneia, à ambição e sobretudo ao egoismo.

—Chegado que seja esse tempo em que todos se julguem eguaes, e como irmãos que são, terá fim o patriotismo, acaba- rão essas divisões em que se acha o universo, que se denominam nações, não mais terá o homem de pelejar a ferro e fogo com os seus e contra as suas prorias familias, numa luta sem treguas; subjugados por essas leis horriveis, que meia duzia de homens tiveram a audacia de elaborar, expondo ao perigo da morte milhares de vidas.

Tudo viverá em paz e livres de fadigas e privações, tudo será de todos.

Terá fim o clerícalismo, essa seita monstruosa e nefanda, que levados pela inveja, aproveitam-se da mentira para propalar as suas idéas pestilentas que tanto corrompem e embrutecem aquelles que n'elles acreditam.

—Dizem elles que *mais facit será passar um camello pelo fundo de uma agulha que um rico salvar-se*, mas elles não têm receio de perderse, por serem ricos, a custa dos qne tudo produzem e nada possuem.

—Dizem elles, que o homem pratica um illimitado numero de peccados, e que, só por meio de uma confissão, de bom exame de consciencia, poderá o homem obter o perdão de Deus.

Qual seria o padre que conferenciaria com esse Deus que elles propalam como seu chefe, para que elle lhes de se plenos poderes para perdoar os peccados dos homens, e lhe illucidaria a forma de os perdoar. Se algum padre existe que tenha conferenciado com esse seu chefe, ou se já existíu, decerto não o atemorisava as suas prevençoes, visto que, os padrés sem excepção são precisamente os que comettem os crimes mais vergonhosos e infamantes, para saciar os seus abominaveis vicios.

Vivem nos mais luxuosos palacios, sustentando a sua opulencia cobertos dos mais aromaticos perfumes, emquanto que o *Christo* que elles tomaram e tomam como chefe, nasceu em uma humilde cabana, e viveu sempre cercado das maiores privações e da mais horrivel miseria.

Se um pobre lhe pede uma esmola, repellem-no, chamam-lhe explorador e malandro, e nem sequer para elle quer voltar o rosto; e, se passam junto de algum mendigo, retiram-se delle o mais possivel, com receio que lhe manche o execrando e odioso vestuario, emquanto que *Christo* abraçava os pobres e repellia os ricos avarentos, dava em esmolas tanto quanto tinha, e aconselhava os ricos a socorrerem os necessitados.

—O padre continuamente está explorando a humanidade, roubando descaradamente, sem se lembrar de que aquelles a quem elles roubam, vivem sempre lutando com a miseria, trabalhando quotidianamente, e que quando chega a velhice não têm um pedaço de pão para mittigar a fome; emquanto elles vivem sempre no meio de grande abundancia, produzidas por aquelles a quem vilipendiaram; e Christo dizia: «Dae a Cezar o qué é de Cezar».

Uma vez que elles praticam taes covardias, é certo que não temem o castigo d'esse Deus conforme elles propalam.

Devemos pois não acreditar nesses charlatães, que são uns velhacos.

Devemos pensar na nossa emancipação; devemos pensar que somos tanto uns como outros, que somos todos eguaes, que todos somos humanos, que todos temos o mesmo direito á vida, que todos temos obrigação de trabalhar cada um para si, e que somos obrigados a auxiliar uns aos outros isento de indemnisação de especie alguma.

—Desde que todo o ser humano pense d'este modo, poder-se-ha sem duvida ter em vista a egualdade. Mas emquanto pensarmos que a egualdade consiste em dizerse—*tu que tens dez, dá-me cinco e fica com outros cinco* emquanto assim pensarmos, viveremos sempre envoltos no lodaçal da miseria.

—E' necessario que deixemnos desprender da grande força do egoismo que pesa sobre nós. E' necessario tambem combater o carrancismo, propalar as idéas libertarias, instruir e illucidarmo-nos uns aos outros dos nossos deveres que temos a cumprir, para que no mais curto praso de tempo possamos alcançar aquillo que tanto almejamos.

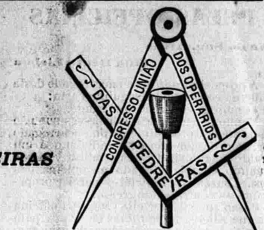
Não nos preoccupemos com a nossa vida ser ou não curta, e que por mais que trabalhemos não poderemos chegar ao fim em nossos dias, porque é preciso lembrarmonos que se os nossos antepassados, cincoenta annos atrazados, tivessem feito o que nós estamos fazendo agora, certo é que estariamos agora nós desfructando o que estámos preparando para os nossos vindouros. Por isso tomemos em vista o quanto temos soffrido, e dediquemos todos com afan á nossa emancipação, para que os nossos filhos possam vir a viver livres de privações e do pesadissimo jugo com que nos opprime o capital.

Não tenhamos inveja de trabalhar para os nossos vindouros, porque elles são o sangue do nosso sangne. Sacrifiquemos tanto quanto possivel, para um dia folgarmos, quando podermos arvorar em um alto poste o pavilhão de nossa emancipação, onde no melhor gosto de arte se poderão ler as sublimes palavras de, A EGUALDADE.

J. F. S.

"O AVANÇA"

Percorrendo as officinas, procurando informações, encontremos margem para fazer-mos algumas considerações sobre o ultimo *avançamento* que alguns mestres levaram a effeito contra os nossos eamaradas; (é preciso notar que esta rapinagem não foi a ultima, é o inicio das futuras explorações, que, pela amostra, serão á moda dos salteadores) que infelizmente soffreram este primeiro assalto quasi sem protesto.

Como está já ao conhecimento de todos, os mestres estão ensaiando, medindo forças para se aproveitar da nossa disunião e da grande accumulação de operarios para escolher os mais ignorantes para seus trabalhos e poder a vontade exploral-os, bem como não dar trabalho ou despedir os que se não deixam illudir.

Diversos processos usam elles para saciar as suas ambições de egoismo.

Primeiro é o roubo descarado no preço da cantaria; para não divagar em considerações, expomos os factos taes como se passaram, principiando pela officina *Alves*, onde o encarregado é mestre, porque o patrão Alves não enxerga nada da arte; esse encarregado, que sempre se mostrou um inimigo da nossa Associação, chegou, no ultimo pagamento, a tentar *surripiar* aos operarios a uns quarenta, a outros cincoenta, sessenta e até oitenta mil réis; como as victimas deste projectado roubo protestassem, este não se realizou totalmente, mas sim em parte e o Sr. Peneda, encarregado, emquanto assim procedia com operarios dignos, ia enchendo outros de favores, para com esta farsa conseguir que elles se não revoltem.

A nosso ver o Sr. Peneda não é mais que refinadissimo larapio; rouba uns e recompensa outros; os roubados abandonam a officina e são admitidos outros, que no mez seguinte são da mesma fórma roubados.

Em outra officina, a do *Machado*, acontece o mesmo, senão peor. O mestre é simplesmente um trapalhão indigno do nosso meio; o encarregado é o individuo mais safado que existe na nossa classe.

Nesta officina, além do roubo e do insulto á dignidade dos operarios, predomina o *empenho*, visto o modo como acanalhadamente se despedem e admittem operarios; ainda ha dias despediram sete companheiros para admittirem outros, que disseram entram por empenhos dos constructores de obras.

Isto é irrisorio: e de fórma alguma se póde consentir; não podemos tambem admittir o trato grosseiro e o roubo descarado de que são victimas companheiros ultimamente chegados da Europa.

Os mestres dão-lhes trabalho muito facil para se aproveitar da falta de pratica, que é muito natural quando aqui chegam de novo, e roubam-nos covardemente, allegando que são patricios e que não têm pratica do trabalho, mas quando o patricio tem dignidade, os mestres tratam por qualquer fórma de o despedir, allegando o mais das vezes que são malcreados, que o seu trabalho não serve, e no emtanto elles vendem o nosso trabalho por bom preço e ainda illudem os patrões que os canteiros ganham muito dinheiro, para mais caro tratar as obras.

Nas demais officinas acontece o mesmo, só com a differença do disfarce, que não dá tanto a conhecer, mas que redunda sempre na exploração e no roubo.

Companheiros! é preciso agir; os mestres estão conhecendo a nossa falta de união, e nós precisamos imperiosamente unir-nos, deixar as questões inuteis e individuaes; é preciso atacar a origem do mal que se avisinha.

Um exemplo torna-se necessario: é preciso uma demonstração da nossa força; é preciso um *12 de Outubro*, como o da Praia da Saudade em 1904; emquanto isso não fizermos, seremos espesinhados pelos nossos oppressores.

Mas companheiros, é preciso um *12 de Outubro* em que não vamos desarmados, como aconteceu naquella celebre jornada, aonde fomos recebidos á bala pelos patrões; é preciso ir preparados para destruir os nossos inimigos, não nos importando com os resultados.

Emquanto vós, companheiros, não vos revoltardes, sereis massacrados; emquanto não supprimir do nosso meio estes novos bandidos que se arvoraram em mestres e que estão sahindo peores do que os antigos.

Avante companheiros! revoltai-vos, se não quereis dentro em breve ser reduzidos á miseria.

UM DESILLUDIDO.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

Aviso Importante

A direcção deste periodico de accordo com a administração da nossa Associação, resolveu que esta convide todos os socios que se atraze em mais de tres mensalidades a quitarem-se e uma vez avisados não comprindo este dever social serão os seus nomes publicados todos os mezes em uma secção deste jornal que denominaremos. — O ROL DOS CALOTES.

Por isso desde já começamos a prevenir os camaradas que estão em atrazo a quitarem-se afim de não verem os seus nomes correr o mundo com a dèprimente nota de MAUS PAGADORES OU CALOTEIROS.

PELAS OFFICINAS

Na do Snr. Alves

Rua Bento Lisboa

A proposito do *illustre* encarregado desta officina recebemos a seguinte carta:

«Companheiro redactor, saude.

Venho por meio desta dizer-vos que não estranheis o procedimento do encarregado Sr. Peneda por que este individuo é um traidor muito vil. Deveis lembrar-vos que quando eu foi delegado na officina dos Srs. Loureiro denunciei-o por ser propagandista contra o Congresso.

Como aparelhador elle esteve na officina da rua Alice a fazer *folhas de couve* (elle elogia-se a elle proprio dizendo ser o melhor artista cá da terra) e eu foi lá pedir trabalho e o *ornatista* foi logo ameaçar o mestre que se ia embora se me desse trabalho, arranjando desta forma com que eu andasse sem trabalho, e si mais tarde foi para outra officina do mesmo mestre a mesma na praia da Saudade e elle arranjou a roubar-me no ordenado; mas, *como quem com ferro fére com ferro é ferido* esse senhor no dia seguinte ao do pagamento foi mandado trabalhar como os outros e não gostando da herva sahiu e foi para o Matacão com intuito talvez de ser mestre, mas não o acceitaram foi sahindo.

Agora é encarregado, (livra!...) e a pezar de o ser á poucos dias já mostra que é bastante explorador, será bom applicar-lhe umas ventosas para ver se elle fica mais manso.—A. S. C.»

Na verdade este Sr. Peneda é mesmo muito descarado e para os delle é como uma *ave rapina*; emaginem que teve a sem vergonha de fazer ordenados ao irmão e a outros *do peito* o mais elevado possivel para isso não se lembrava dos interesses do mestre; mas aos companheiros que sabem reagir e que protestaram coutra o roubo que *elle* fez áo Quintas; então paga-se de empreitada e tenta-se roubar aos 60 e 80 mil réis na féria de um mez como estava na folha de conferir.

Muito nos admira companheiros decididos como ali tem, deixar passar este *avança* do Manoel do Peneda sem lhe por as costellas *num feixe*.

Mais isto é assim mesmo, os que ganhao bom ordenado não se importam com os outros; não se lembram que o seu mal vem no caminho, mas esperem que o Peneda ainda lá ficou quem sahiu foram os rouba dos.

O *mestre* Alves lembre-se que de um momento para o outro pode-se enganar com as suas façanhas; olhe que o representante do Congresso, não é nenhum bandido de casaca como os seus pares e lembre-se que o seu *jacobinismo vermelho* não nos atemoriza.

Reconheça-o, se quizer continuar a ser explorador dos canteiros do contrario pode-se enganar.

Ao Sr. Peneda intimamos a proceder de outra forma quando não somos obrigados a ir ahi e trazel-o debaixo de chicote até a séde do Congresso e aqui depois, DE O FAZER PAGAR O QUE DEVE PARA NÃO CONTINUAR A SER CALOTEIRO (o que é uma deshonra) o meteremos em camisola de força para ver se se emenda.

No Uruguay

Escrevem-nos desta officina dizendo que o companheiro encarregado trata [mal os operarios e até os insulta e não só isto como ainda incitou a pouco um operario a aggredir o ferreiro que na contigencia de um conflicto teve de abandonar a officina, perdendo assim de ganhar o pão para sustentar a familia.

Será bom que o companheiro delegado olhe por isto e perguntamos ao mestre Henrique do Couto se é sabedor disto e consente que um seu operario como era o ferreiro á annos seja obrigado a abandonar a officina por meio de violencia.

E' justa uma reparação Sr. Henrique.

E' o que esperamos.

No Machado (MORRO DA VIUVA)

Aqui é aonde o roubo e o insulto predomina com mais vigor.

O Mestre é o *impostor-mór* de classe, sempre illudindo e sempre roubando os nossos companheiros.

Torna-se necessario eliminal-o do quadro dos mestres pois nesse meio mesmo elle é indigno de permanecer; para não nos alongar mais dizemos elle é o mais refinado tratante com que temos de nos haver.

O encarregado, oh! deste nem mesmo sabemos o que havemos de dizer; para esse patife só um banho com uma corda ao pescoço.

Admiramos no entanto, a vista das injustiças, dos insultos, e das gatunices que elle tem feito aos nossos companheiros, estes não o ter mandado ao menos para a Santa Casa da burquezia.

Os companheiros agora viraram mesmo a (mansos cordeiros) pois se assim não fosse com certeza já tinham dado uma lição de *espeque* nesse bandido.

Vá companheiros; queixas e fallatorios não valem nada é preciso acções, factos; enquanto isso não fizermos tudo o mais é inutil.

REPORTER

CANALHISMO OU TRAIÇÃO

Ha já muitos dias, um companheiro nosso pediu trabalho na officina dos srs. Oliveira & Marques; estes srs. juntamente com o seu encarregado deram-lhe a esperança de lhe dar trabalho, continuando assim o nosso companheiro a espera. Passado dias o mestre, sr. Oliveira declarou ao pae desse operario que não lhe podia dar trabalho, allegando que os companheiros da officina se oppunham.

Nós não podemos já, apurar a verdade dos factos com relação aos companheiros, mas acreditando nas palavras do mestre, precisamos dentro em poucos dias que todos os *companheiros* que ali trabalham se manifestem a respeito; esses operarios ficam na obrigação sob pena de sujeitarem-se na apreciação do seu procedimento em face do operario que pediu trabalho; a virem a esta redacção declarar se é ou não verdade opporem-se a que o dito operario trabalhe no seu meio e quaes as razões, caso se opponham.

Isto é necessario, afim de apurar se o mestre e o encarregado têm razão, ou se dão essa desculpa comprometendo os companheiros.

Se algum companheiro recusa á esta declaração, nós tomamos a liberdade do os desmascarar publicamente e se ficar provado que este facto é forjada pelo mestre ou encarregado como vingança, contem então comnosco.

Companheiros, apuremos a verdade antes de tudo.

FAZER E DESFAZER

E' f[illegible] em verdade, a luta constante, que os proletarios são obrigados a sustentar contra os burguezes: dentro do regimen do salario.

Greves hontem, hoje e amanhã.

U[illegible] perdem-se e outras ganham-se e tudo tem sido para o augmento de alguns tostões no nosso miseravel ordenado, mas, ao cabo de alguns annos de incessante luta c[illegible] nos no mesmo ponto de partida, sem quasi nada haver adeantado a nossa conquista de mais um pouco de respeito por parte dos exploradores.

Quando, com immenso sacrificio conseguimos que burguez augmente nosso salario; sentimos um allivio momentaneo em nosso viver economico. Alli [illegible] que passa do algum tempo des parece pela avaritia dos generos com que nos alimentamos; e isto devido a que os nossos companheiros de outros officios haver conseguido como nós o augmento de seu salario, e o burguez por isso sobrecarregar o consumidor, ou melhor os burguezes conviu m para arrancar-nos o que conquistamos ao industrial em abnegada e custosa greve.

E' incontestavel que andamos empurrum pelos outros, em immenso torvelinho, querendo conseguir pelo augmento do salario o que só pode obter-se pela expropriação da burguesia só com isso é que conseguiremos o nosso bem estar material e então a emancipação do genero humano.

Quando a falange proletaria notar que gira em circulo vicioso, que só obtem hoje para perder amanhã; e que não consegue a liberdade enquanto não se poderem e toda a riqueza social para a destribuir em commum, enquanto não destruir a machina governamental afim de crear organizações livres, enquanto enfim não se faça revolução social unica que fará desaparecer este Estado morboso a onde ordem segnifica' *pacifica perpretação de crimes sem conta*.

Mas bom seria que o proletario se e nscientes se dispozessem a agir na primeira opportunidade e em emprezas de mais importancia, em aquellas que como a Communa de Pariz e os ultimos acontecimentos de Millão fa or cem o disfr[illegible] dar da bandeira roxa de liberdade e bem estar para a classe que geme na degradante escravidão do salario.

Tenho dito.

ANTONIO VIDAL MARTINEZ.

UTOPIA OU EGOISMO

Em primeiro lugar felicito-o companheiro redactor do *Congresso* pelo augmento do seu formato, porque sempre foi ideia minha particular o que felizmente vejo realizada, e que era de muita necessidade.

Não deixo no entanto de dizer que apesar do pequeno formato que teve desde o seu primeiro numero, sempre levantou o grito de protesto contra as opressões desmascarando todos os que nos exploram, mestres ou encarregados

Infelizmente até os encarregados são poucos que sabem occupar os seus lugares em sua maioria esquecem se logo que são operarios.

Eu ainda assim estou até certo ponto de accordo com os exploradores porque elles conhecem demasiado a nossa União e solidariedade.

Mas apesar de todas as injustiças que os companheiros soffrem nem por isso se revoltam e lhe mostram que são homens e que não devem consentir abusos.

Nós não devemos punir pelos interesses dos patrões e assim pelos dos nossos companheiros; nos companheiros que tudo produzimos para o capitalista viver na abastança ao passo que para nós e nossas familias só a miseria e habitar em [illegible] sem ar e sem luz, que são completos cobiculos insalubres não nos lembramos que somos nós que construimos as luxuosas habitações e as grandes avenidas.

Como estamos dormindo o somno da ignorancia.

Companheiros já me passava desapercebido o titulo do artigo *Utopia ou Egoismo*.

Faz-me escrever estas linhas o seguinte; tenho notado que os companheiros a um tempo te[illegible] se isolado da associação; e isto é lamentavel que a Directoria aunca e assembléas re[illegible] não vos encommodais; os das officinas de Bo afo o dizem que a sede é longe n o p de gastar [illegible] tostões e que não precisão do *Congresso* que esse só vall para os influentes, como vos enganaes! ... [illegible] a duz a é vossa escrava na a mais; ella c[illegible] re a vossa o den e nada faz que não seja para bem [illegible], para a nossa emancipação, [illegible] sempre é bem orientada o [illegible] al é commum.

Ao cons[illegible] en e la [illegible] o s u abandono, porque, se a luta necessita de todos precisa dessa s para a orie[illegible]r.

Como havemos de lutar sem ter a verdade r[illegible] co sciencia dos nossos de [illegible] é inutil e qualquer conquista não terá valor algum.

E' já bem conhecido o lema «*a emancipação dos trabalhadores ha-de ser obra dos mesmos trabalhadores*». Mas em um [illegible] nós proprios não n[illegible] á conquista da nossa liberdade e nada obteremos.

A[illegible] das officinas da *Cidade Nova Rio, Comprido* e suburbios lamento ainda mais o [illegible] proceder o seu pouco [illegible] da associação.

Em m[illegible] dizem; *que não podiam frequentar o Congresso por ser muito longe e que emquanto não mudasse para o centro da cidade lá não iriam*.

O auctor destas linhas applicou todos os meios para a mudança da séde, e a ora esta apreciando o vosso criterio; ou sois falsos ou inconscientes: estou vendo que mudando a séde para a vossa moradia e que estará á vossa vontade.

E' irrisorio, o que se está passando, mas no fundo é bem natural; estamos n'um *mar de rosas* todos estaes felizes, que importa o futuro?

Vós não estaes vendo o que se approxima, muitos de vós já agora soffrem as consequencias; é a tempestade é com ella a miseria que vos fará accordar, mas tal vez seja tarde.

Deixae as questões individuaes e vamos cuidar do futuro e isto é já, toda a demora é prejudicial.

Vinde ás assembléas manifestar as vossas idéas livremente e trabalhar para a h[illegible] a que trabalhaes para vós proprios e para vossas familias.

Não abandoneis os vossos direitos, conquista-os que só vos trarão felicidades.

B. R.

A GREVE DA PONTA DA AREIA

Depois desta greve, os resultados não são os presumidos no seu inicio, são bem differentes. Vemos os companheiros que tomaram parte na greve desanimados, vendo as dissidencias que reinam no nosso meio e nota-se que alguns companheiros não estão dispostos a continuar mais no seio da agremiação.

E o caso não é para menos, pois que nós, os não grevistas, não lhes prestamos o nosso apoio, como era de esperar...

Oh! é triste dizer que não se lhe prestou o apoio, mas como é verdade, não se póde deixar de dizer; a prova é que depois da greve declarada foi-lhe offerecida, como era de razão, em primeiro logar a solidariedade e em segundo o auxilio pecuniario; e no fim nem um nem outro. A solidariedade não se póde prestar porque a ambição póde mais que a boa vontade, e não se poderá dizer que fosse outra coisa; e o auxilio pecuniario não se quiz, por que? não sei; é de presumir-se que fosse porque aquelle dinheiro não está reservado para fazer guerra ao capital. Será para comprar uma bibliotheca? é bem preciso, não se póde negar.

Não foi com o intuito de fazer critica a quem quer que seja, nem de dizer o que já se tem dito, que eu cubri estas tiras de papel, foi porque não me parece de razão deixar esta questão da greve, que nos merece respeito, se somos homens e temos caracter, e vendo que ainda se póde sanar o assumpto, havendo boa vontade, assim é que eu lembro aos companheiros para nos reunirmos, trocar idéas e dar iniciativas para, da melhor maneira possivel, corregir este erro, porque, penso eu, o erro corregido não é erro; assim que devem-se punir os traidores e gratificar aquelles que souberam cumprir com os seus déveres; este será o melhor meio de normalizar estas dissidencias —união e boa vontade.

JOSÉ DOVAL.

BELLO PROCEDIMENTO

Na ultima gréve dos trabalhadores nos trapiches e café, e dos Estivadores, a Sociedade União dos Foguistas, approvou em assembléa geral, uma moção de solidariedade ás mesmas associações, e foi encorporada manifestar-lhe e seu apoio.

Felizmente o operariado desta Capital começa a despertar e a conhecer o dever que tem de ser solidario para a sua emancipação.

Regosijamo-nos com esta acção dos camaradas foguistas, a quem felicitamos.

ABANDONO

Ha já alguns mezes que o ex-presidente da nossa associação, José Martins luta com a falta de trabalho, isto pelo facto de ter sido presidente do Congresso.

E' sabido que os mestres por vingança não lhe dão trabalho; e tendo sido elle despedido da officina do sr. Jannuzzi, acreditamos que esse sr. não é sabedor dessa proeza do encarregado, mas lastimamos os companheiros dessa officina não tivessem reagido nesse sentido e tendo tão bella occasião de o fazer.

E' mais uma victima do nosso desmazêlo e falta de união.

Nós não temos que nos queixar dos mestres nesse sentido, mas responsabilisamos os companheiros por deixar covardemente que os mestres ou encarregados atirem assim um companheiro na miseria.

Grupo Dramatico Social da Liga das Artes Graphicas

Realizou-se a nove do corrente, nos salões do Centro Gallego a rua da Constituição a representação de uma peça social denominada *O Infantecidio* de lavra do distincto camarada typographo Motta Assumpção.

A peça é a nosso ver uma bella obra de propaganda social aonde aparece no 1º acto a casa de um operario, cujos filhos viciados pela corrupção adquirida na caserna dá bem mostra do que são essas escolas do crime chamados quarteis.

Nesse meio o chefe da casa é uma victima de um desastre e fallecendo, sua familia chega á mais extrema miseria e que leva no 2º acto uma filha desse operario ir ser criada dos ricos onde é atirada á prestituição pelo filho de um senador.

No 3º acto a filha do operario prostituida procura incobrir o fructo do seu funesto amor e é levada perante os tribunaes nos quaes se demonstra que o *celebre direito romano* é impotente para resolver os problemas sociaes modernos, aparece neste acto uma amostra do que é o sufragio universal e a burla das eleições.

No 4º acto, o tribunal constituido julgando as victimas da actual sociedade, mostra a iniquidade da justiça e dos codigos etc.

Os salões achavam-se repletos de familias e operarios o autor da peça o camarada Motta Assumpção foi diversas vezes chachamado ao palco sendo no fim do ultimo acto saudado com uma imponente salva de palmas e abraçado por muitos companheiros.

Da nossa parte felicitamos o distincto camarada e fazemos vatos para que as ovações recebidas na noite de 9 de Setembro lhe deem alento para novas producções de que tanto carece o nosso meio social.

O QUE QUEREM OS ANARCHISTAS

Recebemos este util folheto de propaganda editado pelo nossos companheiros da TERRA LIVRE *de S. Paulo e de lavra do camarada Jorge Thonar.*

Qualquer companheiro que o queira adquirir o pode fazer nesta Redacção ao preço de 100 réis o exemplar.

COLLECTA

Promovida pelo Cougresso "União dos Operarios das Pedreiras, em beneficio do socio EURICO PAIVA *que victima de uma enfermidade se acha sem recursos.*

Lista da officina da Cooperativa I. de Pedreiras, a cargo de Antonio de Souza Dias.

Antonio Gomes de Carvâlho, Antonio da Silva Teixeira, José Gonçalves da Silva, Abel de Almeida, Marcellino Pereira da Costa, Joaquim Monteiro da Rocha, **5$000 cada um**; Antonio Gaspar, Manoel Custodio, Ferreira, Manoel da Silva Santos, Manoel Gonçalves, Manoel da Silva Ramalho, Joaquim da Silva Santos, Domingos Ferreira Gomes, Clemente Teixeira, Victorino da Costa, David da Silva, **2$000 cada um**; Joaquim Vieira, Albino Gomes, Manoel Rodrigues da Silva, Joequim Ribeiro, Agostinho Ferreira da Costa, Augusto Moreira, Antonio da Costa Avelleira, Manoel de Oliveira, Antonio Carvalho Junior, Albino da Silva Maia, Domingos Ferreira, Oscar Gonçalves, Antonio Domingos, Albino dos Santos, Furtuoso de Abreu, José Venerando Gonçalves, Geremias da Silva, Joaquim Dias, Joaquim Francisco, Luiz Teixeira, José da Rocha, Agostinho de Oliveira, Josê dos Santos, Antonio Ventura 2º, Albino José da Silva, Albino Joaquim, Manoel Rodrigues, Joaquim Reis, Antonio Duarte, Manoel Gonçalves, José Martins, David da Silva Duar(e, José de Souza Soares, Antonio dos Santos, Antonio Soares Dias, Antonio de Araujo, Albino Bernardo, José Antonio da Silva, Antonio Ribeiro da Silva, Joaquim Affonso, Antonio de Souza Dias, **1$000 cada um**; Rodrigo Pereira da Silva, Antonio Maia, **500 cada um**; Somma: **92$000.**

Lista da officina de Sant'Anna a cargo de José Lopes:

José Lopes, José Gaspar, Antonio José de Castro, Joaquim Lopes da Costa, Antonio Monteiro da Silva, Agostinho Rainha, Ventura Ferreirá Gomes, João Marques, Joaquim Antonio Cardoso, Antonio Cardoso, Manoel Gomes, Joaquim de Freitas, Alberto de Almeida, **cada um 1$000**; João da Silva, José Rodrigues da Fonseca, Antonio Pereira da Silva, José Moreira Fontes, **500 cada um**; Joaquim Moreira da Silva, **200 réis**, Somma **15$200**.

Lista da officina do Snr. Oliveira a cargo de José Alves Domingos.

José Pereira qos Santos Junior, José da Cruz Figueiredo, Francisco da Silva Branco, Jacyntho Ferreira da Cunha, Albino Ferreira Borges, **2$000 cada um**; Luiz Manoel Pires, Fortunato Ferreira Cardoso, José Ferreira Canastra, Joaquim Ferreira, Antonio da Silva Branco, Augusto Alves da Silva, Joaquim dos Santos Catulla, João Pereira, Augusto de Oliveira Branco, Antonio de Oliveira Branco, Antonio da Silva Gomes, José Soares de Oliveira, Luiz de Souza Santos, **cada um 1$000**: Somma, **23$000.**

Officina da Urca a cargo de Manoel Alves de Carvalho:

José Ferreira Campanhã, Antonio Coelho e Francisco Loureiro, **cada um 2$**; Manoel Alves Carvalho, Julio da Silva, Francisco Ferreira da Silva, Domingos de Souza, Procopio Leite, Joaquim Seabra, Antonio Ferreira Martins, Manoel S. Braz, Arthur Pereira de Carvalho, Alberto Loureiro, Antonio Rodrigues, João Mendes, Antonio Gomes, Abilio de Queiroz, Gabriel Moreira, **cada um 1$**; Manoel Francisco de Oliveira, João Martins 2º, Manoel Sebrosa, Sebastião Rosas, José Tavares, Manoel de Oliveira, **cada um 800 réis.** Somma: **24$000.**

Urca a cargo de José Pereira da Silva:

José Marques, Avelino de Castro, José Moreira da Silva, Manoel Moreira da Silva, Luciano Moreira, Bernardino de Castro, Manoel da Costa, Alvaro Garcia Gomes, José Pereira da Silva, **cada um 1$**; José da Silva Loureiro, Fernando da Silva, José de Oliveira e Silva, **cada um 800 réis.** Somma: **10$800.**

Urca a cargo de Antonio Pereira 2º:

Antonio Martins Campanhã, João Martins Campanhã, **cada um 2$**; José Pereira da Silva, José da Costa, Americo da Silva, José Ferreira da Silva, Nicolau Antonio Pereira, Joaquim Seabra, **cada um 1$**; José Francisco de Souza, Francisco José da Silva, Manoel Ramiro, Manoel de Oliveira, Florencio de Oliveira, Florindo Feital, Joaquim da Cunha, José Velloso, João Antonio Perpetua, **cada um 800 réis.** Somma: **14$800.**

Urca a cargo de Rufino Gonçalves Raymundo:

Rufino Raymundo, Domingos Marques Seabra, Manoel Fernandes Pereira, Manoel Marques, Manoel da Silva, Manoel Correia, Diogo de Figueiredo, Alfredo Soares, Manoel Dutra Gonçalves, Manoel Caetano, **cada um 1$.** Somma: **10$000.**

Total da Urca: **89$000.**

Officina do Mandim, Praia da Saudade, a cargo de Manoel Duarte de Azevedo:

Manoel Duarte de Azevedo, Joaquim Teixeira Medalhas, Augusto Tavares, Joaquim Rodrigues, Antonio Pereira, Manoel Rodrigues, Manoel Gomes Vieira, **cada um 1$**; José Maria Lopes, Justino Ferreira, Joaquim Francisco, Paulino da Silva, Domingos da Silva Teixeira, Joaquim Pereira Damas, Augusto Pereira da Costa, **800 réis cada um.** Somma: **10$800.**

Officina da Rua Alice, a cargo de Gregorio Adão:

Gregorio Adão, Avelino da Silva Penedo, Antonio José dos Santos, Antonio Vieira, **cada um 1$**; Lucio Simões, Manoel Gonçalves, **800 réis cada um.** Somma: **5$000.**

Officina do Sr. Joaquim Teixeira, a cargo de Joaquim Barão:

José Domingos Lourenço **10$**; Manoel de Oliveira Coelho **3$**; Joaquim de Souza Baptista, Antonio de Souza Baptista, Joaquim da Silva Pereira, Albino José da Silva, **cada um 2**; Joaquim da Silva Barão, Domingos da Costa, Clemente Vieira, Abilio da Silva, Joaquim da Silva, Francisco Correia, Antonio Vieira, Albino Queiroz, Antonio Ribeiro, Antonio da Silva Moutinho, Alberto da Silva, José Tavares, Joaquim Moreira, Antonio Reis, Bernardo Rodrigues, Manoel Pereira da Silva, Alvaro Joaquim Carlos, José Ramos de Oliveira, David da Silva, Ismael Antonio Pereira, José da Silva Gamelleiro, Domingos Lopes, Joaquim da Costa, Domingos de Souza Mineiro, Manoel Soares, Antonio Campos, **cada um 1$**; Seraphim Pereira, Antonio da Silva Ferreira, Joaquim Rodrigues, **cada um 800 rs.** Somma: **51$800.**

Officina de Jannuzzi, a cargo de Manoel Baptista:

Manoel Domingos Leite, **2$**; Manoel Baptista, João Gonçalves de Queiroz, João Monteiro, Antonio Pereira, Joaquim de Souza Rodrigues, Albino Domingos, Antonio Granja, Bernardino Palma, Domingos da Silva Peneda, 2º, Domingos da Silva Peneda, Domingos Soares, Manoel Tavares, José Salgueiro, Bernardo Gomes Peixoto, Antonio Gomes, José Barbosa, Miguel Francisco da Silva, Alfredo Alves da Fonseca, José Martins, Manoel Gonçalves Brevia, **cada um 1$**; Francisco de Araujo, Antonio Luiz da Silva, Moreira Dias, João Neves, Albino Gomes, Avelino de Oliveira, Manoel Rodrigues, Manoel Fernandes, Mamede Escobar, **cada um 800 rs.** Somma: **26$800.**

Officina de Loureiro, a cargo de Victorino Pereira Reis:

Foi devolvida em branco.

Officina de S. Diogo, a cargo de Fernando Freixeiro:

Foi devolvida em branco.

Officina de Moreira & Duarte, a cargo de Manoel Ferreira Povoas:

Manoel Ferreira Povoas, Seraphim Francisco Ferreira, Domingos Teixeira, Antonio Pereira, Antonio Gomes, Seraphim Fernandes Marques, Albino Bento, Antotonio Bastos, José Bernardino, Joaquim Bernardino, Sabino, Joaquim Bernardo, **cada um 1$**; Joaquim da Rocha, José Canastra, Albino Francisco dos Santos, Antonio Teixeira, Custodio Marques, João Pedro Lopes, Antonio Joaquim Pereira, Antonio Moreira Martins, Domingos Moreira, Antonio José dos Santos, Joaquim Teixeira, Domingos Gamelleiro, **cada um 800 rs.** Somma: **18$000.**

Officina de S. Diogo, Companhia, a cargo de José Senra:

José Senra, Gerardo Rodrigues, J. F., Castor Duran, João Luiz Gomes, **cada um 1$**; Endalecio Cortiço, **800 rs.** Somma: **5$800.**

Somma geral: **306$200.**

Previne-se aos delegados que tenham listas desta colleta e ainda não as entregaram, a fazel-o immediatamente, como estiver.

Confirmação

Diziam-nos que em uma officina na Praia da Saudade proximo á ruaG. Severiano, trabalhava como *cooperativista*, um ou outro animal da raça canina.

Passando nós ha dias ali tivemos a confirmação, pois que apezar da nossa prevenção, não podemos evitar o latido desses cães que apenas nos enxergaram começaram a uivar.

Felizmente é bem certo o que diz o adagio: «Cão que muito ladra não morde.»

AO PE' DA LETRA.

A' ULTIMA HORA

AOS COMPANHEIROS

AVISO IMPORTANTE

A Redacção d'*O Congresso* considerando de extrema gravidade a situação em que se acha a nossa associacão pelas constantes divergencias na sua administração; e considerando ainda o perigo que póde advir para a collectividade, se esta não prestigiar o baluarte que a tem protegido e elevado moral e materialmente que é *O Congresso União dos Operarios das Pedreiras.*

Convidamos todos os companheiros associados para uma reunião, hoje, as 7 horas da noite, *na rua da Passagem n. 99*, *em Botafogo* para resolver o caminho que temos a seguir para a boa marcha da nossa associação. Este convite além de ser extensivo a toda a classe, o é especialmente para os companheiros de Botafogo, Morro da Viuva e Cattete ou Larangeiras os quaes nenhum deve faltar.

A Redacção deste jornal faz um caloroso appello a todos os companheiros conscientes e a todos os que em 1903—1904—1905, se sacrificaram para a prosperidade do Congresso a comparecer a esta reunião para evitar que agora *(por caprichos inuteis)* se deixe desmoronar o que tanto tem custado a organisar.

O interesse é commum e por isso é necessario que nenhum companheiro falte, *é na rua da Passagem n. 99.*

NOTAS

A redacção de *O Congresso* é obrigada a fazer o convite acima, por não se achar conforme com a orientação que alguns membros da junta administrativa tem seguido nos ultimos dias e tambem pela divergencia que existe entre membros da mesma junta; mas não culpa a administração só, porque os associados, com o abandono a que tem votado as assembléas tambem lhe cabe muita responsabilidade na marcha da associação.

Collocando tudo isto de parte, temos a declarar que o movimento associativo não pode estacionar porque isso seria retroceder, e, avisamos a todos os companheiros para avaliar quantos sacrificios tem custado a muitos delles de ha 5 annos até agora a manter de pé este baluarte chamado Congresso União dos Operarios das Pedreiras, que tem sido a sentinela vigilante dos interesses de todos.

Sabemos perfeitamente que muitos companheiros não ligam importancia alguma á sociedade por que não avaliam o que ella vale; não lhe queremos mal para isso, pelo contrario lastimamol-os por assim pensar e ser quasi sempre os que mais precisam d'ella.

Mas incitamos os companheiros a lembrar-se do passado e comparal-o com o presente; antes de ter a sociedade, centeuas de companheiros trabalhavam 12 e 13 horas por dia ganhando 5$, 6$ e raros eram os que alcançavam 7 mil réis diarios: pagamentos com atrazo de muitos mezes e quasi sempre pensando receber uma féria e receber outra muito inferior e não ter quem os defendesse.

Hoje se não temos adiantado muito ao menos temos o horario de 10 horas, pagamento em dia mais ou menos certo, salario mais vantajoso e mais algumas garantias.

E' relembrando isto que calorosamente appellamos para que nos unámos cada vez mais, não só para conservar o que adquirimos como para conquistar mais alguns melhoramentos.

Esperamos e pedimos a presença de todos os compauheiros á reunião de hoje, para alentar a nossa união já bastante abalada.

Nenhum companheiro falte e é preciso deixar as questões pessoas e tratarmos do interesse commum.

A REDAÇÃO

quasi inexprimivel a todos inspirava acatemento e sympathia. Era de estatura mais que regular, de formas aristrocaticamente delicadas O seu rosto emmoldurado entre duas madeixas de cabello cumprido, arrumadas por cima das orelhas, apresentava todos quesitos de uma formusura não vulgar. Os labios expressivos, nacarados e sensuaes, o nariz um poucó aquilino por cima de um bigode vasto e bem cofiado, os olhos grandes, sombreados por espessas pestanas, e de uma fixidez languida e melancholica, e o queixo redondo e bem barbeado, o pescoço alto e elegante, os hombros direitos, e bem proporcionados. Vestia uma bluza de operario, de riscado, abetoado até ao collarinho, aonde se podia ver as pontas de uma manta de seda escura, muito bem lavada, uma calça preta pouzava sobre a gaspea de um sapato modesto, e cuidadosamente limpo, e finalmente um bonet de seda preta completava o trajo d'este mancebo que, como os leitores terão adviahado era um operario das officinas de Bazilio Telles.

Chamava-se Alice de Lencastre e podia ter quando musto 24 annos. Albertina conhecia-o, e ao mesmo tempo que no seu semblante se estampava a sorpreza, um fino sorriso lhe contrahia os labios. Isto foi um alento para Alice que avançou resolutamente, e chegando junto d'elfla cahiu de joelhos aos seus pé, e pegando-lhe em uma da mãos disse com olhar supplicante:

— Perdoa, querida Albertina! Perdoa-me a ousadia de transpor os humbraes d'esta casa que eu tanto respeito, compromettendo talvez o teu futuro, a paz que deves disructar debaixo do tecto paternal!

—E porque não hei-de perdoar-te? disse ella bastante commovida. Por acaso fizeste algum mal á minha familia?

da hora funesta do nosso passamento! Homem sem coração e sem dignidade, esqueceis que a mulher nasceu para ser a companheira fiel do homem?! Mulheres devassas, esqueceis que nascestes para serdes mães e amar a vossos esposos?! Todas as mulheres nascem puras; muitas são desgraçadas, porque se dêixaram vencer das falsas promessas dos seductoras! E estes seductores são indignos de pertencer ao numero dos homens honrados, e não merecem mais que o perpetuo desprezo de todos.

Como havemos dito o pae de Albertina era um burguez rude e grosseiro; não tinha outro prazer que o de accumular dinheiro, e comprazia-se em furtar aos seus operarios mais vinte reis em cada metro de obra! A ambição não tinha limites no seu espirito, se é que pode ter espirito um brutamontes de tal calibre. Uma circumstancia que não deve admirar os nossos leitores é que este, assim como todos os burguezes, ia á missa vezes a miudo, e contessava-se tres vezes no anno. Seriapara dar exemplo a seus operarios? Não, não era! O burguez é religioso, porque a religião é irmã gemea da especulação; e as pessoas religiosas já se recommendam com meio caminho andado na arte de enganar. O commerciante deve ser religioso, assim como todo homem de negocio, porque lá está o dictado dos hypocritas que diz: «quem não tem religião, não tem consciencia, e quem não tem religião, não tem boa-fé!» O burguez pensa igualmente, e unta a unha no mel para melhor enganar os incautos que se lhe aproximam. Bazilio enterrava a unha com mão de mestre, e estes lances grangearam-lhe uma reputação de muito rico e muito velhaco. Raras vezes ia á officina; um habil mestre estava encarregado da direcção dos traba-

BALANÇO DA THESOURARIA DO CONGRESSO UNIÃO DOS OPERARIOS DAS PEDREIRAS

Relativo ao 2.º trimestre do anno financeiro de 1906

RECEITA

1906—Abril 1:		
Transporte do saldo na caixa de defeza de Março............		15:580$290
Abril 30—Recebido este mez:		
1.295 mensalidades a 2$..	2:590$000	
171 beneficio annual a 1$..	171$000	
78 joias de admissão a 5$..	390$000	
18 ditas a 10$..	180$000	3:331$000
Saldo do rateio para os festejos da fuzão de 25 de Março......		67$000
Differença do mez de Março a favor dos cofres...............		10$500
Maio 31—Recebido este mez:		
1.285 mensalidades a 2$..	2:570$000	
159 beneficios annuaes a 1$..	159$000	
102 joias de admissão a 5$..	510$000	
26 ditas de admissão a 10$..	260$000	3:499$000
Recebido do resgate de coupons de bonds..................		28$000
Recebido da commissão de festejos de 1º de Maio da collécta...		519$700
Junho 30—Recebido este mez:		
1.085 mensalidades a 2$..	2:170$000	
93 beneficios annuaes a 1$..	93$000	
61 joia de admissão a 5$..	305$000	
10 ditas de admissão a 10$..	100$000	2:668$000
Recebido de duas fianças, depositadas no thesouro em 1904 a a favor dos ex-socios Manoel Moreira e Agostinho Ferreira Lourenço		600$000
Recebido de Daniel Campos, delegado da extincta associação na officina do Roxo....................................		44$000
Somma Rs.		26:347$490
Sahido para a Caixa de Soccorros e despeza a deduzir.........		9:741$342
Saldo para o 3º trimestre na caixa de defeza...................		16:606$148

CAIXA DE SOCCORROS

Saldo existente até 1 de Abril..	5:418$221	
Recebido atè 30 de Abril..	534$212	
Recebido em Maio..	187$000	
Recebido em Junho..	93$000	6:233$433
Soccorros pagos:		
No mez de Abrii a Joaquim Augusto, Antonio da Silva, João Domingos Antonio Pereira..................................	200$000	
No mez de Maio a Manoel Sieiro e uma grinalda para Daniel S. Ferreira..................................	40$000	
No mez de Junho enterros de José Claudino e Daniel S. Ferreira	82$500	322$500
Saldo para o 3º trimestre..................................		5:909$933
Saldo total nas duas caixas para o 3º trimestre..................		22:516$081

DESPEZA

1906—Abril 30—Contas pagas este mez:		
Impressão dos ns. 26 e 27 do jornal *O Congresso*, 1 e 6........	170$000	
Um quadro para a secretaria, vidros e sellos para a correspondencia, 2, 3, 4 e 10..................................	49$100	
Aluguel da casa e materiaes para a secretaria, 5, 7, 8 e 13......	87$000	
Annuncios na imprensa, limpeza da casa e miudezas do Procurador, 9, 11, 12, 14 e 15..................................	55$500	
Escripturação deste mez, 16..................................	200$000	
Porcentagem da cobrança, 17..................................	499$000	
Commissão do Procurador Manoel Joaquim Gomes............	165$900	
Commissões diversas a Antonio Coelho, Luiz M. Pires, Delphim N. Ramos, Marcellino Ramos, José Fontella, Joaquim S. Catulla. Manoel D. Vieito, Antonio Barão, Antonio Francisco Manoel Rodrigues da Silva, Joaquim S. de Oliveira, Severo Solha, Fernandes Frexeiro, João Perpetua, Adolpho Barreiro e Antonio Monteiro de Souza, como consta no livro de assentos das commissões..................................	480$650	1:707$150
Sahido para a Caixa de Soccorros..................................		534$212
Maio 30 — Contas pagas este mez:		
Aluguel da casa, 1,000 estatutos e 1,000 distinctivos, 18, 19 e 20	770$000	
Sellos para a correspondencia, impressão do jornal de 1º de Maio e os numeros 29 e 30, (21, 22. e 23)..................	419$400	
Cartões de 1º de Maio, 1.400 propostas, 23 bouquets e enfeites	127$000	
Pago pelos bonds de 1º de Maio, musica e um anuuncio, 28, 29 e 30..................................	626$000	
Porcentagem da cobrança e escripturação deste mez, 31 e 32..	724$800	
Limpeza da casa, despeza para receber duas fianças, e enfeite nas sepulturas, do Cajú, 33. 34 e 35..................	70$000	
Commissão do Cájú, petição do procurador, um telegramma e carro de enterro, 36, 37, 38 e 39..................	43$820	
Annuncios no *Jornal do Brazil*..................................	15$000	
Commissão do procurador Manoel Joaquim Gomes............	236$600	
Commissões diversas a Manoel O. Marques, Domingos Ferreira Silva, J. Garrido, S. Solha, F. Frexeiro, Manoel D. Vieito, Antonio Cardoso, B. Insuelo, Antonio J. de Castro. José Martins, Joaquim S. Catula, Delphim M. Ramos, Antonio Barão, M. Pereira da Silva, Antonio M. Souza, J. Fontella, M. Ramos, Luiz M. Pires e José Carneiro, como consta no livro de commissões..................................	594$900	3:627$620
Sahido para a Caixa de Soccorros..................................	....	187$000
Junho 30 — Contas pagas este mez:		
100 cadeiras, pago pela mudança e carta de fiança na agencia 42, 43 e 44..................................	644$300	
Pago ao advogado pelas questões da Urca, Copacabana e Assumpção. 45..................................	600$000	
Impressão dos ns. 31 e 32 do jornal e um relogio e 6.000 recibos 46, 47 e 48	300$000	
Aluguel da casa e material para a secretaria, annuncios e sellos, 49, 50, 53 e 54..................................	190$500	
Porcentagem da cobrança, escripturação, auxilios aos operarios da Carioca, 51, 52 e 57..................................	800$200	
Despezas miudas e limpeza da casa. 53 e 56..................	28$460	
Pago aos operarios que pararam por causa do pagamento na Copacabana..................................	602$000	
Commissão de Antonio Ferreira Cerdoso este mez............	197$000	
Commissões diversas a J. Guerreiro, J. Fontella, M. Ramos, J. Perpetua, Manoel P. Silva, José P. Silva, J. S. Catulla, M. O. Marques, A. Barão, Luiz M. Pires, pelo livro.......	230$900	3:592$360
Sahido para a Caixa de soccorros..................................	....	93$000
Total da despeza e sahido para a Caixa de Soccorros..........	....	9:741$342
Saldo para o 3º trimestre..................................	....	16:606$148
		26:347$490

Rio de Janeiro, 30 de Junho de 1906. — O Thesoureiro, *Luiz Manoel Pires.*

lhos, e o guarda-livros dava-lhes as ordens que o patrão lhe transmittia. Essas ordens eram sevéras e terminantissimas. O patrão a tratar do café, do assucar e do arroz nas roças do Brazil, e que havia de saber muito de tecidos ; as ordens dadas do fundo de seu gabinete haviam de ser muito philosophicas, muito logicas e justas, não ha duvida. Accrescente-ee a isto o genio irrascivel, arrebatado com que elle fazia prevalecer essas ordens, o mais das vezes injustas até á loucurã, e veja-se em que apuros se veriam aquelles desgraçados obrigados a trabalhar para elle ! Todavia os operarios eram dóceis, e inclinadds a alcançar a aureola dos santos ! Bem aventurados martyres !

Os tempos tinham mudado sensivelmente, e os homens politicos dó nosso paiz continuavam a fazer politica de barriga na mais santa paz que se tem visto desde a divina liberdade que nos concedeu um heroe dos braganças e da maçonaria politica a pretexto de nos fazer feliz ! e a soldadesca estupida e transmontana jazia no ambiente fedorento das casernas, n'uma calmaria podre, águçando o sabre para descarregar no primeiro desgraçado que se lhe oppuzesse, ou resistisse ás leis vexatorias e iniquas de um governo de estultos e malandros ! Era este o tempo em que a industria começava a florescer em Portugal no unico proveito de enriquecer os patrões em prejuizos dos trabalhadores, e a industria do nosso Bazilio tomava proporções invejaveis.

Como diziamos Albertina estava n'esta occasião na pequena salinha em frente do jardim, e de vez em quando suspendia o trabalho para fixar as flores, que pendiam já na aste como que lhes faltasse os ultimos raios do sol que se iam perder alem nó largo Oceano. Alguma coisa de

mysterioso se passava no seu coração, cuja esperança se reflectia na doçura e melancholia dos seus olhos sombreados de pestanas douradas. Em que meditava ella ? na felicidade do seu futuro ? ou nas palavras de um seductor ? Haveria quinze dias que um homem a fizera estremecer e córar de pejo ; e este homem mostrava-se muito amavel, muito attencioso para com ella, e se fizera assidus frequentador da casa de seu pae. Alguma coisa de mysterioso tambem se havia passado entre elle e o velho burguez. Fallariam d'ella ? Não sabia ; o certo era que aquelle homem inspirava-lhe algum receio e temor. Muitas vezes se esforçava para mostrar-se tambem amavel para com elle, desejava poder receber com agrado as suas amabilidades, mas a frieza que sentia por elle reflectia-se, contra-vontade, no seu semblante.

As flores do jardim pareciam recolher a um sentimento intimo, e os arbustos fatigados repousavam serenos e tranquillos esperando já o orvalho da noite para reverdecerem no dia seguinte. Uma elegante camelia se ostentava na aste, altiva e magestosa acima de todas, e Albertina pozéra n'ella seus formosos olhos n'uma expressão dôce e contemplativa. De subito estremeceu, e um finissimo rubor subiu-lhe as mimosas faces tingindo-as de lindissimo carmin. Porque se perturbou assim a sua alma candida e purissima ? Era quando acabava de avistar no jardim um bello mancebo que, tendo-se approximado da roseira, dirigiu os seus passos para ella.

Era um homem em todo o vigor da juventude. O seu porte altivo e magestoso, aonde se reflectia abnegação e nobreza, impunha respeito a todos quantos o fixassem de perto, e as suas palavras harmoniosas, de uma doçura